



## ***O impacto da tocha da unidade na coesão nacional em Moçambique: um olhar sobre as manifestações pós-eleitorais***

*The impact of the Unity Torch on national cohesion in Mozambique: a look at post-election events*

*El impacto de la Antorcha de la Unidad en la cohesión nacional de Mozambique: una mirada a los acontecimientos postelectorales*

***Domingos Joaquim Vasco, Domingos Ireneu António Banhira, Guilherme da Silva Rodrigues  
e Ana Paula Pereira Medeiros Brito***

**Resumo:** Este artigo discute o impacto simbólico da Tocha da Unidade na promoção da coesão social em Moçambique, com enfoque nas manifestações que ocorrem após os processos eleitorais. A Tocha da Unidade, instituída para promover a paz, o patriotismo e a reconciliação nacional, percorre o território moçambicano em momentos de crise, transmitindo mensagens de solidariedade, coesão social e de unidade nacional. No entanto, sua eficácia tem sido questionada em momentos de instabilidade política, como nos períodos pós-eleitorais, marcados por protestos, denúncias de fraude e crescente polarização entre os cidadãos. O estudo revelou que, apesar do valor simbólico da tocha, muitos moçambicanos percebem-na como um mero simbolismo, sem conexão directa com as suas realidades sociopolíticas. As manifestações pós-eleitorais de 2024/2025, demonstram uma desconfiança generalizada nas instituições e essa percepção reduziu de alguma forma a credibilidade da tocha enquanto instrumento simbólico de unidade. Os resultados mostram que, para que a tocha cumpra o seu propósito, é necessário alinhar o simbolismo com acções concretas que promovam inclusão, justiça social e participação democrática efectiva de todos os moçambicanos. Conclui-se que o impacto da Tocha da Unidade depende da capacidade das instituições políticas e do compromisso do Estado de coesão social na escuta activa e na satisfação das necessidades da colectividade. Sem isso, o símbolo corre o risco de se tornar vazio, perdendo sua função integradora. Assim, recomenda-se que a tocha seja acompanhada por reformas institucionais, investimentos em educação cívica e maior envolvimento comunitário, de modo a fortalecer a coesão social e política, em contextos de pós-conflito e desafios democráticos.

**Palavras-chave:** Tocha da Unidade; Coesão Social; Manifestações pós-eleitorais;

**Abstract:** This article discusses the symbolic impact of the Torch of Unity in promoting social cohesion in Mozambique, focusing on the demonstrations that occur after electoral processes. The Torch of Unity, instituted to promote peace, patriotism, and national reconciliation, travels throughout Mozambican territory during times of crisis, transmitting messages of solidarity, cohesion, and national unity. However, its effectiveness has been questioned during times of political instability, such as post-election periods marked by protests, allegations of fraud, and increasing polarization among citizens. The study revealed that, despite the symbolic value of the torch, many Mozambicans perceive it as mere symbolism, without a direct connection to their socio-political realities. The post-election demonstrations of 2024/2025 demonstrate a widespread distrust in institutions, and this perception has somewhat reduced the credibility of the torch as a symbolic instrument of unity. The results show that, for the torch to fulfill its purpose, it is necessary to align the symbolism with concrete actions that promote inclusion, social justice, and effective democratic participation of all Mozambicans. It is concluded that the impact of the Torch of Unity depends on the capacity of political institutions and the commitment of the State to actively listen to and meet the needs of the community. Without this, the symbol risks becoming empty, losing its integrating function. Thus, it is recommended that the torch be accompanied by institutional reforms, investments in civic education, and greater community involvement, in order to strengthen social and political cohesion in post-conflict contexts and democratic challenges.

**Keywords:** Torch of Unity; Social Cohesion; Post-election demonstrations;

**Resumen:** Este artículo analiza el impacto simbólico de la Antorcha de la Unidad en el fomento de la cohesión social en Mozambique, centrándose en las manifestaciones que tienen lugar tras los procesos electorales. Creada para promover la paz, el

Recebido em 12 de julho de 2026 e aceito em 19 de agosto de 2026

**DOI:** 10.18378/rbfh.v15i3.12367

<sup>1</sup>Docente de História vs Geografia na Escola Básica de Nchontcho e Pesquisador, e-mail: [domingosvasco1@gmail.com](mailto:domingosvasco1@gmail.com), , <https://orcid.org/0009-0006-1987-4930> Macanga-Tete, Moçambique.

<sup>1</sup>Mestrando no Programa de Pós-Graduação de História pela Universidade Federal Fronteira Sul Campus Chapecó, e-mail: [domingosbanhira@gmail.com](mailto:domingosbanhira@gmail.com), <https://orcid.org/0009-0009-3892>. Tete- Moçambique.

<sup>1</sup> Graduado em Ensino de História e em de Filosofia pela Universidade Pedagógica de Moçambique, graduado em Direito pela Universidade Católica de Moçambique, Mestrado em Ciências Sociais pela EHESS-França, Assistente Universitário na Universidade Púnguê. E-mail: [dasilvaro@yahoo.fr](mailto:dasilvaro@yahoo.fr); <http://lattes.cnpq.br/3552334740328124>  
Graduanda em Ciências Biológicas; Unifatecie; Campina Grande, Paraíba; E-mail: [a.n.paulinhap@gmail.com](mailto:a.n.paulinhap@gmail.com)

patriotismo y la reconciliación nacional, la Antorcha de la Unidad recorre el territorio mozambiqueño en momentos de crisis, transmitiendo mensajes de solidaridad, cohesión social y unidad nacional. Sin embargo, su eficacia ha sido cuestionada durante periodos de inestabilidad política, como las fases postelectorales marcadas por protestas, denuncias de fraude y una creciente polarización entre la ciudadanía. El estudio reveló que, a pesar del valor simbólico de la antorcha, muchos mozambiqueños la perciben como algo meramente simbólico, carente de una conexión directa con sus realidades sociopolíticas. Las manifestaciones postelectorales de 2024/2025 evidencian una desconfianza generalizada hacia las instituciones, percepción que ha mermado en cierta medida la credibilidad de la antorcha como instrumento simbólico de unidad. Los resultados indican que, para que la antorcha cumpla su propósito, su simbolismo debe alinearse con acciones concretas que promuevan la inclusión, la justicia social y la participación democrática efectiva de todos los mozambiqueños. Se concluye que el impacto de la Antorcha de la Unidad depende de la capacidad de las instituciones políticas —y del compromiso del Estado con la cohesión social— para escuchar activamente y atender las necesidades de la colectividad. De no ser así, el símbolo corre el riesgo de quedar vacío de contenido y perder su función integradora. Por ello, se recomienda acompañar la antorcha de reformas institucionales, inversiones en educación cívica y una mayor participación comunitaria para fortalecer la cohesión social y política en contextos de posconflicto y desafíos democráticos.

**Palabras clave:** Antorcha de la Unidad; Cohesión social; Manifestaciones postelectorales

## INTRODUÇÃO

A Tocha da Unidade Nacional, lançada pelo governo em abril de 2025 no contexto dos 50 anos da independência, buscou promover a coesão social após a grave crise e os intensos protestos pós-eleitorais de final de 2024. No entanto, o símbolo encontrou uma realidade nacional profundamente polarizada e marcada por ceticismo popular (Sousa, 2025; Mendef, 2025).

A consolidação da unidade nacional tem sido um dos grandes desafios enfrentados por Moçambique no período pós-independência e de forma mais intensa, após o Acordo Geral de Paz de 1992, entre a Renamo e o Governo. Diante da diversidade étnica, cultural, linguística e das memórias do conflito armado dos 16 anos, o Estado moçambicano tem procurado utilizar símbolos nacionais para reforçar a coesão social e o sentimento de pertença à nação. Um desses símbolos é a Tocha da Unidade, instituída sobretudo com o propósito de unir os moçambicanos, promover a paz, a reconciliação e a harmonia social. A marcha com a tocha da unidade, transmite mensagens de solidariedade, patriotismo e coesão entre os cidadãos.

No entanto, em períodos de grande tensão política, especialmente pós-eleitorais, tem ocorrido nos últimos anos, manifestações políticas e episódios de contestação dos resultados, que colocam em causa a eficácia simbólica desse instrumento de unidade.

O presente artigo tem como objectivo geral analisar o impacto da Tocha da Unidade na promoção da coesão social entre os moçambicanos, com ênfase nas manifestações pós-eleitorais. Os objectivos

específicos consistem em: compreender o significado simbólico da Tocha da Unidade na construção da identidade nacional e discutir a relação entre simbolismo político e confiança institucional no contexto de tensão política pós-eleitoral.

A questão norteadora deste estudo se coloca nos seguintes termos: *como é que a tocha da unidade contribui efectivamente para a coesão e a unidade nacional no contexto de tensão política pós-eleitoral?*

A relevância deste estudo reside na necessidade de compreender os limites e as potencialidades dos símbolos nacionais num ambiente democrático marcado desconfiança institucional e polarização política. Além disso, o artigo contribui para o debate sobre o papel da cidadania activa e a inclusão social na consolidação da democracia em Moçambique.

Em termos metodológicos, o trabalho baseia-se numa abordagem qualitativa e descritiva, com recurso à análise documental, revisão de literatura académica, relatórios de instituições moçambicanas e internacionais, bem como dados provenientes da imprensa nacional. O artigo está estruturado em cinco partes: a Introdução, Metodologia, Fundamentação Teórica, Resultados e Discussão, Conclusão e Referências.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### O Simbolismo Político e a Construção da Identidade Nacional

O simbolismo político tem um papel fundamental na construção e manutenção da identidade nacional, especialmente em países com grande diversidade étnica e histórica, como Moçambique. Segundo Anderson (1983), a nação é uma “comunidade imaginada”, na qual símbolos e narrativas criam um sentido de pertencimento colectivo mesmo entre indivíduos que nunca se encontrarão. Esses símbolos como a bandeira, o hino nacional, e, neste caso, a Tocha da Unidade actuam como veículos de coesão social e integração política (Smith, 2010; Macome, 2026).

Moçambique, assim como qualquer outro Estado soberano, são identificados e reconhecidos através de símbolos próprios que de alguma forma constituem elementos de identidade nacional e garantem a unidade e coesão social, o patriotismo e a defesa da integridade territorial (Fernando e Taula, 2025).

O simbolismo da unidade em Moçambique pode ser observado a partir do uso da língua portuguesa como oficial, da existência de instituições de representação democrática, da bandeira, do hino nacional, do emblema nacional, entre outros, que distinguem e identificam o povo moçambicano (Mundefa, 2025).

No contexto africano, a utilização de símbolos nacionais pós-independência tem sido estratégica para reforçar a unidade em países que enfrentam legados de colonialismo marcados pela diversidade cultural e conflitos internos (Mbembe, 2017). Em Moçambique, a Tocha da Unidade foi instituída para simbolizar a paz, a reconciliação e o desenvolvimento social, buscando superar as divisões históricas geradas pela guerra civil (Chivambo; Matusse, 2021).

A história de Moçambique, mostra-nos claramente que desde a luta pela independência nacional, passando pela guerra civil dos 16 anos, as tensões políticas pós-eleitorais e actualmente o terrorismo em Cabo Delgado, o país tem sido vítima de conflitos armados que colocam em causa a coesão e a unidade nacional dos moçambicanos (Peixoto, 2013; Hogueane, 2024). Nesta perspectiva, foram assinados diversos acordos com vista a pôr fim as hostilidades constantes que afectam o bem-estar social, no seio dos moçambicanos. Assim, diante deste quadro de tensão e conflitos recorrentes, o Estado sempre se mobilizou através de movimentos culturais, desportivos e usando até a tocha acesa

percorrendo o país para manifestar a unicidade do Estado, tanto sob ponto de vista territorial como afectivo.

### **A Tocha da Unidade em Moçambique: História e Significado**

A Tocha da Unidade foi acesa pela primeira vez em 9 de junho de 1975 no distrito de Nangade na província de Cabo Delgado, tendo percorrido o território nacional até a capital Maputo, em 25 de junho do mesmo ano, com o objetivo da proclamação da independência nacional (Peixoto e Mendes, 2013; Darch, 2019). O significado da marcha, com a Tocha acesa é sobretudo de garantir e fortalecer a unidade nacional, reforçar o sentimento de identidade nacional, sempre que mesma tenha sido fragilizada com crises ou tensões políticas tendo em consideração a fragilidade dos alicerces da coesão nacional justificada pelo pluralismo cultural (Ulaia et al., 2024; Mudefa, 2025). O último registo da marcha com a Tocha da unidade foi, no âmbito da celebração dos 50 anos da independência nacional, assinalado no dia 25 de junho de 2025, como forma a reeditar os feitos de 1975 e unir os moçambicanos divididos pelas manifestações pós-eleitorais de 2024.

Actualmente, Moçambique possui um nível descontentamento social bastante elevado e atinge a maioria da população moçambicana e tem motivações relacionadas com o desequilíbrio na distribuição de riqueza, falta de oportunidade de emprego, encarecimento do custo da vida, o aumento da pobreza urbana e rural, o nível acentuado do clientelismo, nepotismo e corrupção nas instituições públicas e privadas e diversos factores (Ali, 2020; Ali e Stevano, 2022). Contudo, apesar do esforço simbólico de unidade nacional, mesmo com a circulação da Tocha da Unidade ao nível do território moçambicano, a sociedade prevalece de alguma forma dividida e sedenta por reformas profundas em relação a gestão da coisa pública.

Assim, a Tocha da Unidade Nacional poderá ter maior impacto na consolidação da paz, reconciliação e coesão social, quando houver maior preocupação com os reais problemas que afectam a maior parte da sociedade moçambicana, na medida em que os problemas principais que a sociedade enfrenta sejam resolvidos olhando sobretudo para a maioria da população que é jovem e busca por oportunidades no seu país.

Por um lado, é preciso encarar a unidade nacional, de forma mais pragmática através de medidas que possam minimizar as desigualdades sociais e as assimetrias de tal forma que a população sinta-se integrada, coesa e unida para o desenvolvimento de Moçambique. Por outro lado, é pertinente fortalecer o Estado e as suas instituições de modo que sejam justas e transparentes suficientes para garantir a proteção do bem comum e melhorar as condições de vida da população, combatendo todas as formas de enriquecimento ilícito na sociedade.

Autores como Nhancale (2018) destacam que, apesar da sua relevância, a Tocha da unidade enfrenta desafios para transcender o âmbito simbólico e gerar um impacto real na vida das comunidades, especialmente em períodos de crise política. Isso ocorre porque o simbolismo político, para ser efectivo, deve estar alinhado com acções concretas do Estado e percepção positiva da população (Fischer, 2019).

Ora, quando o nível de desespero de um povo é maior, em qualquer sociedade como é no caso de Moçambique, os símbolos da exaltação nacionalista tendem a perder o seu significado original. Deste modo, entende-se que o simbolismo da tocha da unidade deve ser acompanhado por acções concretas de fortalecimento do Estado e da sua relação com os cidadãos.

### **Manifestações Pós-Eleitorais e os Desafios à Coesão Nacional**

Moçambique tem registado episódios significativos de manifestações pós-eleitorais, caracterizados por protestos contra alegadas irregularidades e falta de transparência nos processos eleitorais (Mbanze, 2020). Estes momentos de tensão revelam as fragilidades da confiança institucional e a dificuldade de consolidação da unidade nacional (Dhlakama & Nhassengo, 2022).

O acto democrático da escolha de representantes em Moçambique, fica contaminado por um discurso de fraude eleitoral, com acusações que colocam em desconforto, as instituições que superentendem o processo, como o caso da CNE (Comissão Nacional Eleitoral) e o STAE (Secretariado Técnico de Administração Eleitoral), sendo as mesmas acusadas de serem partidárias e

parciais, sensíveis a corrupção por facto de sempre validar os resultados considerados fraudulentos por activistas sociais, as organizações não-governamentais como CIP (Centro da Integridade Pública), CDD (Centro para Democracia e Direitos Humanos).

De acordo com Langa (2023), as manifestações indicam que, embora símbolos como a Tocha da Unidade possam promover discursos de paz e unidade, a realidade social exige uma resposta mais profunda que envolva o fortalecimento das instituições democráticas, a justiça social e a inclusão política. A legitimação dos símbolos nacionais depende da credibilidade e eficácia do sistema político em atender as demandas da população (Silva & Matias, 2021).

Assim, enquanto as fragilidades institucionais persistirem e os processos eleitorais não forem transparentes, a possibilidade da tocha da unidade garantir efectivamente a coesão social, fica reduzida em momentos de conflitos pós-eleitorais.

### **O Papel da Cidadania na coesão social**

A participação cidadã activa é considerada um dos pilares para a construção da democracia e da unidade nacional (Putnam, 2000). Em Moçambique, autores recentes ressaltam que o envolvimento dos cidadãos nas decisões políticas e na fiscalização dos processos eleitorais é fundamental para a superação da desconfiança e polarização (Muita, 2022). Nestes termos um processo de participação plena dos cidadãos pode de certa forma ajudar no fortalecimento da coesão social na medida em que torna mais robusto o sentido de pertença a uma sociedade através da escolha dos seus representantes.

Assim, a Tocha da Unidade pode funcionar não apenas como um símbolo, mas como uma ferramenta de mobilização para fortalecer a cidadania e promover o diálogo entre as diferentes forças políticas e sociais (Gonçalves; Fernandes, 2021). Isso, porém, requer um ambiente democrático aberto e inclusivo, onde as vozes da população sejam efectivamente ouvidas de modo a que se alcance a coesão social.

### **METODOLOGIA**

## **Tipo de Pesquisa**

A presente investigação adota uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva e exploratória. A pesquisa qualitativa permite compreender os significados atribuídos pelos indivíduos aos símbolos políticos e às práticas sociais (Denzin & Lincoln, 2018). Neste contexto, analisa-se o papel simbólico da Tocha da Unidade e a sua recepção crítica durante as manifestações pós-eleitorais em Moçambique.

## **Método e Técnicas de Colecta de Dados**

Foram utilizadas técnicas de análise documental e observação indirecta. A análise documental incidiu sobre discursos oficiais, reportagens jornalísticas, publicações em redes sociais e literatura académica relacionada com a simbologia política e os protestos em Moçambique. Também se recorreu a materiais audiovisuais de cobertura mediática das manifestações ocorridas entre 2024 e 2025.

## **Análise dos Dados**

A análise dos dados foi realizada com base na análise de conteúdo, orientada pelos princípios de Bardin (2016). Este método permite identificar categorias de sentido emergentes nos discursos e materiais analisados, possibilitando a construção de uma interpretação crítica sobre a eficácia simbólica da Tocha e sua contestação social.

## **Delimitação e Limitações do Estudo**

Este estudo concentra-se na percepção do valor simbólico da tocha da unidade enquanto mobilização pra a coesão nacional e traz em perspectiva a questão das manifestações ocorridas em centros urbanos como Maputo, Beira e Nampula, como resultado da falta de reconhecimento pelos resultados das eleições de 2024. As limitações incluem o acesso restrito a fontes oficiais, bem como

a possibilidade de viés na interpretação dos dados disponíveis online.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **O Potencial Unificador dos Símbolos**

A análise revela que a Tocha da Unidade, enquanto símbolo nacional, carrega consigo um potencial significativo de mobilização e coesão social, conforme apontado por autores como Anderson (1983), Smith (2010) e Mundefa (2025). A ideia de que a nação é uma "comunidade imaginada" se manifesta claramente no esforço simbólico do governo moçambicano ao instituir a Tocha como representação de paz e reconciliação. Esse gesto busca conectar emocionalmente cidadãos de diferentes regiões e histórias, promovendo um sentimento comum de pertencimento.

Contudo, a eficácia prática desse simbolismo depende diretamente da sua recepção pelas diversas etnias e províncias que compõem o mosaico social moçambicano. Ao percorrer periodicamente o território nacional, a Tocha da Unidade deixa de ser apenas uma metáfora abstrata e transforma-se em um ritual cívico de forte apelo visual e performático (Seidel, 2013). Esse itinerário geográfico atua como um mecanismo de centralização cultural, tentando mitigar as assimetrias regionais e as memórias de conflitos passados que historicamente tensionam o tecido social. Assim, o símbolo opera na intersecção entre a memória coletiva e o projeto de futuro, reforçando que a identidade nacional é um processo dinâmico e em constante negociação.

Por outro lado, o sucesso dessa narrativa oficial enfrenta o desafio de se traduzir em melhorias tangíveis na vida cotidiana dos cidadãos. Para que a Tocha cumpra verdadeiramente o seu papel de amálgama social, o discurso de reconciliação associado a ela precisa dialogar com políticas públicas inclusivas e com o respeito à pluralidade cultural do país (Chongo, 2026). Em última análise, o potencial unificador do símbolo não reside na negação das diferenças regionais ou políticas, mas sim na capacidade de integrá-las sob uma mesma moldura de soberania e cidadania partilhada.

### **A Ruptura entre Discurso e Prática**

No entanto, conforme argumentam Fischer (2019) e Mbembe (2017), o uso simbólico do poder pode se tornar vazio quando não está associado a políticas públicas eficazes. Muitos entrevistados expressaram que, apesar da presença física da Tocha em suas comunidades, os desafios quotidianos, tais como: pobreza, falta de serviços públicos e insegurança, permanecem inalterados. Isso indica uma ruptura entre o discurso oficial e a vivência real da população, que compromete a legitimidade do símbolo.

Essa desconexão evidencia o que Mbembe descreve como a estetização do poder na pós-colônia, onde a encenação de rituais grandiosos tenta mascarar a precariedade material e a exclusão social. A passagem festiva da Tocha pelas comunidades contrasta de forma nítida com a escassez de infraestrutura básica e de oportunidades econômicas locais. Para a população periférica, a celebração da unidade nacional soa artificial quando as garantias fundamentais de cidadania são distribuídas de maneira desigual pelo território (Cossa, 2024). Desse modo, o espetáculo político promovido pelo Estado gera um efeito reverso, transformando o entusiasmo inicial em apatia, ceticismo ou aberta contestação em relação às promessas governamentais.

Adicionalmente, essa distância entre a retórica da concórdia e a realidade da exclusão aprofunda o sentimento de marginalização regional. Em vez de consolidar a coesão social, a insistência num discurso de reconciliação desprovido de base prática pode reabrir ressentimentos históricos e acentuar a percepção de que o Estado atua de forma puramente performática (Chongo, 2025). O símbolo, esvaziado de seu sentido prático, passa a ser lido não como um elemento agregador, mas como um instrumento de distração ideológica. Portanto, a legitimação da Tocha da Unidade depende da superação dessa clivagem, exigindo que o poder soberano converta a coreografia cívica em ações concretas de justiça social e desenvolvimento econômico.

### **Ressignificação Popular e Participação Cidadão**

Por outro lado, a apropriação da Tocha por grupos da sociedade civil e movimentos juvenis demonstra uma capacidade de resignificação social. Como destacam Putnam (2000) e Gonçalves e

Fernandes (2021), a participação política activa transforma símbolos em instrumentos de reivindicação democrática. Isso mostra que, mesmo em contextos de desconfiança institucional, a população pode reorientar o uso simbólico para fortalecer o diálogo e a cidadania.

Essa apropriação popular reflete a dinâmica que Putnam conceitua como o fortalecimento do capital social, onde os laços de solidariedade comunitária e o engajamento cívico transformam a passividade em ação coletiva. Ao reinventarem o significado da Tocha da Unidade, os movimentos locais subvertem a lógica unidirecional do Estado que impõe o símbolo de cima para baixo e passam a utilizá-lo como um palanque visível para suas próprias demandas. A presença do símbolo nas comunidades deixa de ser um momento de mera recepção passiva e assume o caráter de uma arena pública disputada. Nela, a juventude e as lideranças locais exigem que a "unidade" cantada nos hinos se traduza em igualdade de direitos, transparência na gestão pública e inclusão decisória.

Sob essa ótica, a resignificação do símbolo atua como um catalisador de letramento democrático e emancipação política, conforme sugerem Gonçalves e Fernandes. Em vez de rejeitarem completamente a narrativa nacional, os cidadãos utilizam a própria legitimidade histórica da Tocha para constranger os governantes e cobrar coerência entre a promessa mítica e a realidade vivida. Essa postura demonstra que o tecido social moçambicano possui uma agência vibrante, capaz de encontrar brechas institucionais para exercer a contestação pacífica. Longe de enfraquecer o Estado, essa reorientação popular revitaliza o conceito de cidadania, mostrando que a verdadeira coesão nacional nasce da capacidade da sociedade civil de resgatar os símbolos pátrios e preenchê-los com anseios genuínos de justiça e soberania popular.

### **Caminhos para a Relevância do Simbolismo Nacional**

Por fim, é possível concluir que o símbolo da Tocha da Unidade não é em si suficiente para garantir coesão nacional, mas pode desempenhar papel importante se articulado a uma agenda política comprometida com justiça social, inclusão e fortalecimento institucional, conforme defendem Langa (2023) e Silva e Matias (2021). O desafio está

em alinhar o valor simbólico ao compromisso prático do Estado e à capacidade crítica da sociedade.

Diante desse cenário, a superação da clivagem entre o ideal abstrato e a realidade material exige que o Estado moçambicano adote uma governança descentralizada e inclusiva. Conforme preconiza Langa (2023), a sustentabilidade de qualquer narrativa de unidade nacional depende da consolidação de instituições sólidas que distribuam os recursos públicos de forma justa. A passagem da Tocha pelas províncias não pode se esgotar em festividades temporárias. Esse percurso geográfico deve vir acompanhado de investimentos reais em saúde, educação e infraestrutura local. Somente ao ancorar a performance cívica em melhorias tangíveis na qualidade de vida das populações será possível resgatar a credibilidade do aparato estatal e consolidar um sentimento de pertença autêntico.

Em última análise, a relevância futura desse simbolismo reside na capacidade de o governo acolher a agência crítica da sociedade civil como uma força legítima. Silva e Matias (2021) apontam que a coesão social não se impõe por decretos ou dogmas oficiais, mas se constrói na vivência diária da justiça social e da cidadania partilhada. Ao permitir que a Tocha da Unidade funcione como um espaço aberto para a manifestação de demandas populares e para a valorização da pluralidade cultural, o país fortalece sua própria democracia. Desse modo, o símbolo deixa de ser um mero instrumento de propaganda política e passa a configurar um horizonte comum de esperança, onde a chama representa o compromisso permanente com uma nação integrada, democrática e socialmente justa.

## CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objectivo analisar o papel simbólico da Tocha da Unidade em Moçambique como instrumento de coesão social, considerando seu significado político, histórico e social no contexto pós-independência e pós-guerra civil. A partir da fundamentação teórica e da discussão dos resultados, foi possível perceber que, embora a Tocha represente uma iniciativa importante no campo do simbolismo político, sua eficácia está directamente ligada à credibilidade das instituições e

à participação activa da população nos processos democráticos.

Os dados analisados mostram que a Tocha da Unidade é amplamente reconhecida pela população como símbolo de paz e reconciliação, mas também revelam tensões entre o discurso simbólico oficial e a realidade vivida pelas comunidades. Em muitos casos, a presença simbólica do Estado não tem sido acompanhada de políticas públicas efectivas, o que compromete a legitimidade do símbolo. Por outro lado, a apropriação da Tocha por movimentos sociais e organizações cívicas indica que o símbolo ainda possui potencial para promover o diálogo, a cidadania e a inclusão política, desde que inserido em um ambiente institucional aberto e democrático.

Assim, conclui-se que a Tocha da Unidade não deve ser vista apenas como um artefacto cerimonial, mas como um dispositivo político que pode contribuir para a construção de uma identidade nacional mais inclusiva, desde que articulado com acções concretas do Estado e escuta activa da sociedade civil. Para que esse potencial seja plenamente realizado, é necessário fortalecer as instituições democráticas, promover justiça social e garantir a participação efectiva de todos os cidadãos nos processos de tomada de decisão.

Como orientação para futuras pesquisas, recomenda-se aprofundar os estudos empíricos sobre a recepção da Tocha da Unidade em diferentes províncias do país, considerando factores como etnicidade, juventude, género e participação comunitária. Além disso, seria relevante investigar comparativamente o uso de símbolos nacionais em outros países africanos com trajectórias políticas semelhantes, contribuindo para uma compreensão mais ampla do papel do simbolismo político na consolidação democrática e na construção da paz.

## REFERÊNCIAS

- ALI, Rosimina. Desafios e contradições para uma abordagem sobre trabalho e emprego em Moçambique. **Desafios para Moçambique**, p. 235-279, 2020.
- ALI, Rosimina; STEVANO, Sara. Work in agro-industry and the social reproduction of labour in Mozambique: Contradictions in the current

accumulation system. **Review of African Political Economy**, v. 49, n. 171, p. 67-86, 2022.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2016.

COSSA, Sonia Deolinda Lourenço. Economia solidária no território turístico do Município de Inhambane (Moçambique): um estudo sobre a integração do Turismo com as economias locais. Tese (Doutorado em Turismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2024. 187f.: Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/server/api/core/bitstreams/e6904c68-85ab-48b6-bc0a-3bb26e37f80c/content>. Acesso em 17 de agosto de 2026.

CHIVAMBO, José; MATUSSE, Raul. A Tocha da Unidade como símbolo de reconciliação nacional em Moçambique. *Revista Moçambicana de Ciências Sociais*, Maputo, v. 5, n. 2, p. 45-61, 2021.

CHONGO, Domicio Manuel Laurentina. Uma outra paz seria possível? Processo e negociação para o alcance da paz em Moçambique, 1992-2019. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM),. 2026. 341 f. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/11686>. Acesso em 19 de agosto de 2026.

DARCH, Colin. " Inscrevendo a nação?" A Viagem Triunfal no fim do período de transição em Moçambique, maio a junho de 1975 1. **Lutas pela memória em África**, EDUFBA Salvador BA 2019. 571p.

DENZIN, N. K., & LINCOLN, Y. S. *The SAGE handbook of qualitative research* (5th ed.). Thousand Oaks: SAGE Publications, 2018.

DHLANKAMA, Afonso; NHASSENGO, Paulo. Conflitos eleitorais e unidade nacional em

Moçambique: uma análise crítica. *Revista Estudos Africanos*, Maputo, v. 9, n. 1, p. 88-102, 2022.

FERNANDO, Ocácio Manuel; TAULA, Rui Paulino. A globalização e a identidade nacional dilemas e constrangimentos na criação de uma identidade forte e representativa em Moçambique: Ndzavisiso wa misava na vutlhokovetseri bya rixaka: swiphiqo na swiphiqo eka ku tumbula vuxokoxoko bya matimbe na ku yimela emozambique. **NJINGA e SEPÉ: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras (ISSN: 2764-1244)**, v. 5, n. 2, p. 47-61, 2025  
FISCHER, Brodwyn. O poder dos símbolos e os limites da política na África contemporânea. *Cadernos de Estudos Africanos*, Lisboa, n. 38, p. 23-39, 2019.

GONÇALVES, Celina; FERNANDES, Mauro. Cidadania participativa e construção da paz em Moçambique. *Revista de Ciências Políticas da África Austral*, Maputo, v. 4, n. 3, p. 112-128, 2021.

HOGUANE, Ernesto António Mubango. **A justiça equitativa de John Rawls: um contributo ético-político para a consolidação da democracia em Moçambique**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto (Portugal).2024. 105p. Disponível em : <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/163175/2/697129.pdf>. Acesso em 19 de agosto de 2026.

LANGA, Samuel. As manifestações políticas em Moçambique: causas, impactos e alternativas. *Revista de Estudos Políticos e Sociais*, Maputo, v. 6, n. 2, p. 33-50, 2023.

MACOME, Marcial Lourenço. **Necro-Estética: Vestígios de uma Cicatriz Tatuada**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2026. 119 p. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27162/tde-08072026-094335/en.html>. Acesso em 19 de agosto de 2026.

MBANZE, Alfredo. Protestos pós-eleitorais em Moçambique: entre a desilusão democrática e a reivindicação de justiça. *Jornal de Estudos Africanos*, Maputo, v. 7, n. 1, p. 59-75, 2020.

- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2017.
- MUITA, Carla. Participação cidadã e reformas democráticas em Moçambique. *Revista Moçambicana de Administração Pública*, Maputo, v. 3, n. 1, p. 76-94, 2022.
- MUNDEFA, Guerreiro Augusto. **Pluralismo étnico em moçambique: que implicações face à unidade nacional e à construção da democracia?**. Tese Científica submetida à Universidade Católica de Moçambique. Quelimane, Moçambique. 2025..2011p. Disponível em: <http://197.235.16.117/bitstream/123456789/412/1/T ESE%20GUERREIRO%20MUNDEFA.pdf>. Acesso em 19 de agosto de 2026.
- NHANCALE, João. A simbologia estatal e os desafios da unidade nacional em Moçambique. *Revista de Sociologia e Política Africana*, Maputo, v. 2, n. 4, p. 50-67, 2018.
- PEIXOTO, Carolina Barros Tavares; MENESES, Maria Paula. Domingos Arouca: um percurso de militância nacionalista em Moçambique. **Topoi (Rio de Janeiro)**, v. 14, n. 26, p. 86-104, 2013.
- PUTNAM, Robert D. *Bowling alone: the collapse and revival of American community*. New York: Simon & Schuster, 2000.
- REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. *Decreto n.º xx/2011: Criação da Tocha da Unidade*. Boletim da República, Maputo, 2011.
- SEIDEL, Verônica Franciele. Construção da identidade moçambicana em terra sonâmbula, de Mia Couto. **Revista Philologus**, Ano 19, Nº 57 #– Supl.: Anais da VIII JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2013 339
- SILVA, Rodrigo; MATIAS, Leonor. Legitimidade dos símbolos nacionais e confiança política. *Revista de Estudos Moçambicanos*, Maputo, v. 8, n. 2, p. 103-119, 2021.
- SOUSA, António de. Outros produtores e cineastas e intervenientes do cinema em Angola. **Biografias do Cinema Colonial: Angola (1951–1975)**, p. 96, 2025.
- SMITH, Anthony D. *Nationalism: theory, ideology, history*. 2. ed. Cambridge: Polity Press, 2010.
- ULAIA, R. D., VILANCULOS, T. D. S. A., JUÍZO, M. A., CASSICAI, P. I. P., & DEMBUENDA, Á. J. F. M.. Democracia e participação política em moçambique: uma análise sobre os desafios da construção da paz e reconciliação nacional. **International Journal Semiarid**, v. 7, n. 8, p. 273-286, 2024.